

Estratégias de *Coping* em adolescentes de uma instituição de qualificação socioprofissional

Coping Strategies in Adolescents of a Socio-Professional Qualification Institution

FERNANDO C. LEVENTI*

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar as estratégias de *coping* utilizadas por adolescentes de uma instituição de qualificação socioprofissional. Participaram da pesquisa 76 adolescentes (dos sexos masculino e feminino). Para a identificação das estratégias foi utilizado o inventário de estratégias de *coping*. As mais utilizadas foram: suporte social, autocontrole e reavaliação positiva; e as menos utilizadas foram fuga-esquiva, afastamento e confronto. Não foram encontradas diferenças no uso de estratégias entre os sexos. Os eventos estressores relatados com maior frequência foram conflitos com pais. Em eventos estressores ocorridos na interação com adultos, a estratégia fuga-esquiva foi a mais utilizada.

Palavras-chave: estratégias de *coping*; adolescência; eventos estressores.

Abstract

The overall aim of this study was to investigate coping strategies used by adolescents of a social and professional qualification institution. Seventy-six adolescents, both male and female, participated in the study. To identify the coping strategies, the Ways of Coping Questionnaire was used. The most frequently used strategies were

* Mestre em Psicologia (saúde) pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande. Docente da Universidade Nilton Lins (Manaus, AM).
E-mail: fernandoleventi@gmail.com.

seeking social support, self-controlling and positive reappraisal, and the least used were escape-avoidance, distancing and confrontive coping. Differences in the use of strategies between the sexes were not found. The stressful event most frequently reported was conflict with parents. In stressful events occurring in the interaction with adults, the escape-avoidance strategy was the most prevalent.

Keywords: coping strategies; adolescence; stressful events.

Em situações de adversidade, ocasiões em que o funcionamento mental, físico e a saúde são ameaçados, indivíduos desenvolvem uma série de processos adaptativos que lhes concede o potencial de escapar de catástrofes, reformularem desafios e transformar experiências estressantes em amadurecimento psicológico (SKINNER, 2007). Em graus variados, estes processos foram incluídos no construto *coping* (COMPAS *et al.*, 2001). *Coping* é uma parte importante de outro construto denominado estresse; que por sua vez, é concebido como um processo corporal decorrente de demandas físicas ou psicológicas, sendo estas demandas chamadas de estressores.

Com o reconhecimento da importância de se administrar efetivamente as condições adversas, pesquisas surgiram para examinar como os indivíduos lidam com situações estressoras e quais os diferentes impactos destes eventos quando combinados com diferentes estratégias de *coping* (ZIMMER-GEMBECK; SKINNER, 2009). O *coping* já foi estudado com base nos conceitos de mecanismos de defesa da psicanálise e teorias derivadas, sendo considerado uma manifestação de traços de personalidade, e nos princípios básicos do behaviorismo radical e do positivismo lógico, que o percebiam como respostas comportamentais aprendidas que controlavam condições ambientais aversivas (LAZARUS; FOLKMAN, 1984; SKINNER, 2007). Dentre os diversos conceitos existentes, a definição que tem sido mais aceita em estudos sobre *coping* e adaptação é a proposta de R. Lazarus (1993). Segundo essa proposta, *coping* é entendido como esforços cognitivos e comportamentais em constante mudança, que as pessoas utilizam para lidar com o estresse.

Apesar de situações estressoras estarem presentes durante toda a vida, em algumas etapas do desenvolvimento, como a adolescência, os indivíduos encontram-se mais frágeis. Nesse período, o

jovem está testando suas possibilidades e suas capacidades de lidar com os diversos problemas que surgem, ao mesmo tempo em que ocorrem rápidas mudanças cognitivas, sociais, emocionais e físicas. Os estressores enfrentados nesta etapa têm se mostrado como importantes fatores de risco para o desenvolvimento e estruturação de emoções e funções cognitivas e comportamentais (CAMARA; CARLOTTO, 2007). As formas com que crianças e adolescentes lidam com situações adversas são importantes mediadores e moderadores do impacto do estresse, tanto em seu ajustamento atual como futuro. O desenvolvimento de formas de *coping* em etapas iniciais da vida pode colocar os indivíduos em trajetórias de desenvolvimento mais ou menos adaptativas, podendo tornar-se precursores de padrões de *coping* na vida adulta (COMPAS *et al.*, 2001). Como estratégias (*des*)adaptativas adotadas tipicamente na adolescência, Aldwin (2007) aponta o consumo de álcool, drogas ou cigarros como meios externos de reduzir estados internos de estresse.

Contudo, apesar de a adolescência trazer riscos, ela também oferece oportunidades de crescimento. A experiência de lidar com estressores passíveis de administração é importante para o desenvolvimento de uma ampla variedade de habilidades e capacidades, existindo consenso de que tanto os estressores cotidianos como eventos maiores terão consequências positivas ou negativas, a depender de como o adolescente lidará com eles (ZIMMER-GEMBECK; SKINNER, 2008). Assim, a necessidade de autonomia, típica da adolescência, impulsiona o jovem a adotar uma postura mais ativa do que a criança. Neste sentido, experiências que provavelmente se constituíssem em obstáculos ao desenvolvimento podem tornar-se oportunidades de crescimento e amadurecimento.

Em perspectiva de intervenção, a adolescência é um estágio do desenvolvimento no qual existem oportunidades significativas para entender e promover habilidades nos jovens para lidar com problemas, pois, apesar de algumas formas de adaptação estarem ligadas a traços de personalidade, outras podem ser aprendidas ao longo da vida. Para que se tenha sucesso em programas de intervenção que visem ajudar os adolescentes a lidar de maneira construtiva com os estressores cotidianos, é necessário que se identifique a natureza deles, a forma como são percebidos e como os adolescentes reagem

e lidam com esses problemas (FRYDENBERG, 2004; ZIMMER-GEMBECK; SKINNER, 2008).

Assim, este estudo surgiu com os objetivos de investigar as estratégias de *coping* utilizadas por adolescentes de uma instituição de qualificação socioprofissional e identificar quais eventos são considerados estressores pelos jovens.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 76 adolescentes, de um total de 320, de uma instituição de qualificação socioprofissional de Campo Grande (MS), dos sexos masculino (25%) e feminino (75%), e com idade predominante de 15 anos (apenas um com 17 anos), sendo a amostra por conveniência.

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos:

- Questionário sociodemográfico - construído especialmente para o presente estudo, sendo composto por sete itens, com o objetivo de caracterizar sociodemograficamente a população por meio das variáveis sexo, idade, renda mensal familiar, quantidade de pessoas com quem divide a habitação, situação de moradia, série escolar e grau de parentesco com as pessoas com quem divide a residência;

- Inventário de estratégias de *coping* de Lazarus e Folkman – instrumento que se destina a identificar estratégias de *coping* em situações particulares, concebendo-as como um processo, e não como estilo ou traço de personalidade (SAVÓIA, 1999). Os eventos estressores específicos em geral são relatados verbalmente em entrevista, ou então por escrito, antes do preenchimento do instrumento. Para a presente investigação, o relato escrito foi escolhido. O instrumento é composto por 66 itens que descrevem pensamentos e ações que indivíduos utilizam para lidar com demandas internas ou externas. Em cada item são apresentadas quatro opções, devendo uma ser indicada em relação à frequência ou intensidade com que este agiu em relação ao evento descrito. As opções são: 0 – não usei esta estratégia; 1 – usei um pouco; 2 – usei bastante; 3 – usei em

grande quantidade. Os itens do inventário são agrupados em oito fatores: confronto, afastamento, autocontrole, suporte social, aceitação de responsabilidade, fuga-esquiva, resolução de problemas e reavaliação positiva.

Este instrumento, derivado do modelo transacional de estresse de Lazarus e Folkman (1984), é o inventário que tem sido mais amplamente utilizado em pesquisas sobre estresse e *coping* (SAWANG *et al.*, 2010). A adaptação e validação para a população brasileira foi realizada por Savóia, Santana e Meijas (1996), mostrando-se preciso e válido segundo os critérios comumente aceitos em psicologia. Em meio à ampla variedade de instrumentos de *coping* disponíveis, como identificados por Skinner *et al.* (2003), a escolha deste inventário deu-se por conta de sua popularidade e confiabilidade.

Procedimentos

Houve um contato inicial com a instituição de pesquisa com intuito de verificar a viabilidade do estudo, e foram expostos os objetivos da investigação, seus instrumentos e procedimentos. O projeto de pesquisa foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e aprovado. Posteriormente, a execução da investigação foi autorizada também pela instituição por meio de carta de autorização.

O convite a participar da pesquisa foi feito para todos os alunos quando reunidos no anfiteatro da instituição de pesquisa. Os objetivos e procedimentos foram apresentados e entregou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que os interessados em participar levassem para sua residência. Para a coleta de dados, todos os participantes que trouxeram o TCLE assinado foram reunidos no anfiteatro da instituição de pesquisa, onde houve a entrega dos instrumentos e deram-se as instruções de preenchimento. Os instrumentos foram preenchidos em um tempo médio de vinte minutos.

Após a coleta de dados, as informações presentes nos dois instrumentos foram tabuladas em planilha do programa Excel para Windows versão 2010, para posterior análise. Para as análises estatísticas dos dados, foram utilizados dois testes: o teste de diferença de médias e o teste de análise de variância (Anova). Os testes foram

aplicados com 95% de confiabilidade, sendo utilizado o programa Minitab para Windows versão 14.

Resultados e discussão

Estratégias de coping

Conforme apresentado na Tabela 1, foi detectada diferença significativa entre as estratégias de *coping* empregadas pela amostra ($P < 0,001$).

Tabela 1 - Utilização das estratégias de coping

Estratégias	N	Média	D.P.	F	P
Confronto	76	1,15	0,55	4,67	< 0,001
Afastamento	76	1,10	0,52		
Autocontrole	76	1,39	0,51		
Suporte Social	76	1,41	0,71		
Aceitação de Responsabilidade	76	1,17	0,66		
Fuga-esquiva	76	0,97	0,62		
Resolução de Problemas	76	1,23	0,67		
Reavaliação Positiva	76	1,34	0,63		

Fonte: resultados da pesquisa

As estratégias adotadas com maior frequência pelos adolescentes foram: suporte social, autocontrole e reavaliação positiva. As estratégias menos utilizadas foram: fuga-esquiva, afastamento e confronto. Tais resultados aproximam-se dos achados de Serafini e Bandeira (2011), que apontaram a estratégia “suporte social” como a mais utilizada por jovens com idades entre 14 e 23 anos. Contudo, Kristensen, Schaefer e Busnello (2010) verificaram que adolescentes com idades entre 12 e 18 anos utilizaram com maior frequência as estratégias: autocontrole, afastamento e fuga-esquiva. Já Arteche e Bandeira (2006) encontraram a estratégia de “modificação do estressor” como a mais utilizada entre adolescentes na faixa etária de 14 a 17 anos de idade.

A estratégia mais utilizada pela amostra deste estudo, “suporte social”, pode indicar redução do estado interno de desconforto ou solicitação de auxílio para alterar a situação de estresse. Considerando que a maioria dos eventos estressores relatados nesta investigação foram os conflitos com pais, parece mais provável que os adolescentes amostrados busquem o meio social visando alterar o estado interno de estresse. Zimmer-Gembeck e Skinner (2009) afirmam que o declínio na busca por suporte de adultos é acompanhado pelo aumento na busca por suporte de pares, e que os adolescentes, com maior frequência, voltam-se a estes com o objetivo de suporte emocional. As autoras salientam a versatilidade desta estratégia, afirmando que é utilizada para uma ampla variedade de propostas, para lidar com vários tipos de estressores, e sendo a mais utilizada por crianças e adolescentes.

Em relação à busca de suporte social, Aldwin (2007) também aponta que, em geral, os pares são os mais consultados. Os pares, por enfrentarem eventos similares e perceberem-nos de maneira parecida, podem ser importantes tanto para auxiliar o jovem a atuar sobre a fonte de estresse como para regular seu estado emocional. Porém, quando o adolescente busca o par com o objetivo de ruminação, este suporte provavelmente não terá repercussões benéficas ao seu ajustamento.

Durante a etapa de convite à pesquisa, todos os 320 adolescentes participantes do curso da instituição foram convidados e informados sobre o caráter voluntário de sua participação, porém apenas 76 efetivamente participaram. Este fato pode ter contribuído para a menor ocorrência da estratégia de fuga-esquiva, visto que o próprio processo de convite à participação já se constitui, de certa forma, em uma seleção, pois, sendo a participação voluntária, é de esperar que jovens que, de geralmente se mostrem mais passivos em relação aos eventos de seu meio tenham percebido a investigação da mesma forma e optado por não participar, por evitar esta situação.

Em relação às estratégias de *coping* utilizadas por mulheres e homens, não houve nenhuma diferença significativa. Estes resultados aproximam-se dos encontrados por Dell’Aglia e Hutz (2002), que também não verificaram diferença significativa entre os sexos.

Apesar de este estudo não ter encontrado diferenças no uso de estratégias entre os sexos, resultados contrastantes foram encontra-

dos por Kristensen, Schaefer e Busnello (2010) e Serafini e Bandeira (2011), nos quais a estratégia “afastamento” foi utilizada com maior frequência por indivíduos do sexo masculino. Piko (2001) verificou que adolescentes do sexo feminino utilizaram, com maior frequência, estratégias passivas e de busca de apoio. Câmara e Carlotto (2007) encontraram predomínio da estratégia “redução da tensão” entre indivíduos do sexo feminino e “distração física” entre indivíduos do sexo masculino. Diversas pesquisas sobre *coping* na adolescência também encontraram diferenças significativas entre os sexos (ARTECHE; BANDEIRA, 2006; ARTECHE; BANDEIRA; GOZALVO, 2003; CIAIRANO *et al.*, 2009; ESCHENBECK; KOHLMANN; LOHAUS, 2007; GELHAAR *et al.*, 2007, LI; DIGIUSEPPE; FROH, 2006). Além disso encontraram diferenças entre os sexos. Estas diferenças são esperadas principalmente em decorrência dos papéis socialmente estabelecidos a cada gênero. Expressar-se emocionalmente e expor suas dificuldades são estratégias culturalmente mais designadas ao gênero feminino do que o masculino, por exemplo. Os dados obtidos nesta pesquisa podem indicar que, para esta amostra, apesar da determinação dos papéis de gênero, existe flexibilidade na escolha das estratégias adotadas. Outra possibilidade para não terem sido encontradas diferenças entre os sexos pode ter sido, também, em decorrência do reduzido número de participantes do sexo masculino, que representou apenas 25%.

Entre o total de alunos da unidade investigada, 54,80% eram do sexo feminino e 45,19%, do sexo masculino. Embora não tenham sido encontradas diferenças no uso de estratégias de *coping* entre os sexos, é possível que a baixa participação de indivíduos do sexo masculino (25%) possa revelar, até certo ponto, padrões “evitativos” de *coping* por parte desta população.

A literatura considera que os moderadores contextuais influenciam o uso de estratégias em diversos níveis e que o que pode ser considerado adaptativo em alguns contextos, pode não o ser em outros (ZIMMER-GEMBECK; SKINNER, 2008). Buscando detectar possíveis diferenças no uso de estratégias de *coping* entre as demais características dos adolescentes, foi realizado o teste t-student de diferenças de médias entre as variáveis do questionário sociodemográfico e do inventário de estratégias de *coping*. Os resultados não

apontaram nenhuma diferença entre as variáveis sociodemográficas. Este fato pode ter ocorrido por tratar-se de uma amostra que apresenta homogeneia em relação às variáveis estudadas.

Eventos estressores e estratégias de coping

Previamente ao preenchimento do inventário de estratégias de *coping*, os participantes foram solicitados a relatar, por escrito, uma situação estressante pela qual tivessem passado para, então, preencherem os itens da escala de maneira a informar a intensidade com que agiram de forma similar às descritas nas frases de cada item. Foram relatadas situações bastante variadas, desde aborrecimentos diários, como disputas com irmãos e dificuldades em realizar uma tarefa, a eventos de maior impacto, como morte de um dos pais e condições econômicas extremas.

As situações estressantes relatadas pela amostra foram agrupadas em seis categorias temáticas. Os eventos que não apresentavam semelhança com nenhum outro relatado foram incluídos na categoria “outros”. Este procedimento revelou que os eventos estressores relatados com maior frequência pela população foram, em ordem decrescente, os conflitos com pais (37%), pares (17%), irmãos (12%), problemas na escola (10%) e morte ou separação de familiares (8%). A categoria “outros” representou 16% do total. Estes resultados assemelham-se aos achados de Serafini e Bandeira (2011), nos quais os eventos relatados com maior frequência foram situações relacionadas a problemas com pais, familiares, amigos ou parceiros/as (31,87%). Poletto, Koller e Dell’Aglío (2009) também encontraram resultados semelhantes, nos quais o evento citado com maior frequência foi “ter que obedecer às ordens de seus pais” (85,2%), seguindo de “discutir com amigos(as)” (72,9%).

Antes de descrever o evento estressor, os adolescentes foram informados ainda de que poderiam relatar situações passadas que envolvessem preocupações com alguma questão futura. Contudo não houve nenhum relato de estressores envolvendo o futuro, como a preocupação em concluir uma série escolar, por exemplo. Isto pode indicar que os adolescentes amostrados estão mais envolvidos com questões imediatas e que preocupações com o futuro não estão sendo percebidas como fontes significativas de estresse. Contudo, a

preocupação somente com questões imediatas pode ter implicações futuras negativas constituir risco ao adolescente, colocando-o em contato com estressores para os quais pode não estar preparado, como poderia ser a questão da indecisão profissional atual e a futura insatisfação ocupacional.

Antoniazzi, Souza e Hutz (2009), Compas et al. (2001), Dell'Aglio (2003) e Zimmer-Gembeck e Skinner (2008) apontam que, durante a infância e adolescência, o tipo de interação ocorrida em um evento estressor é importante preditor na escolha da estratégia adotada. Buscando verificar tal afirmação, os eventos estressores relatados pela amostra foram agrupados em categorias. A classificação considerou as pessoas envolvidas na situação, o que resultou nas categorias: a) adultos (eventos que envolvem pais, avós, professores e outros adultos); b) pares (eventos ocorridos na interação com colegas, amigos, irmãos e outros adolescentes); e c) outros (eventos que envolviam apenas o adolescente ou pares e adultos ao mesmo tempo, e situações em que a participação, ou não, de outras pessoas não foi claramente relatada).

A partir desta classificação, buscando verificar o uso diferencial de estratégias de *coping* em eventos ocorridos na interação com diferentes pessoas, foram realizadas análises envolvendo as categorias "adultos e pares" e os oito fatores do inventário de estratégias de *coping*.

Os resultados revelaram diferença significativa no uso da estratégia "fuga-esquiva" ($p=0,02$), sendo a mais utilizada em eventos que envolviam adultos. Não foram encontradas diferenças no uso das demais estratégias como: afastamento ($p=0,24$), confronto ($p=0,43$), aceitação de responsabilidade ($p=0,64$), resolução de problemas ($p=0,67$), reavaliação positiva ($p=0,68$), autocontrole ($p=0,77$), suporte social ($p=0,93$). Estes resultados não corroboram as amplas diferenças encontradas por Dell'Aglio e Hutz (2002), em que, nos eventos que envolviam a participação de adultos, foram mais frequentes as estratégias de "aceitação", "expressão emocional" e "evitação", enquanto que, com pares, a "ação agressiva" e o "apoio social" foram mais utilizados.

Nos eventos estressores relatados que envolviam adultos, é possível pensar que se tratasse de situações fora do controle do

adolescente. A percepção de controle do evento estressor influencia a avaliação e a escolha das estratégias de *coping*. Skinner e Zimmer-Gembeck (2011) consideram ser mais comum que, quando as pessoas encaram os eventos estressores como controláveis, elas agem de forma mais ativa; percebem os eventos mais como desafios do que como ameaças e empregam uma variedade de estratégias de *coping*. De forma oposta, os eventos relatados que envolviam adultos poderiam tratar de questões percebidas pelos adolescentes como estando fora de seu controle, resultando em um maior uso da estratégia “fuga-esquiva”.

Considerações finais

Não somente os eventos estressores, mas, principalmente, as estratégias de *coping* adotadas têm um impacto significativo na saúde e ajustamento do adolescente. Neste contexto, o objetivo deste estudo foi identificar as estratégias de *coping* utilizadas por adolescentes, assim como os eventos percebidos por eles como estressantes.

Os resultados revelaram que os adolescentes, ao enfrentar situações difíceis, em geral buscam apoio social. O meio social pode ser útil na adaptação do jovem, pois funciona como regulador do processo de *coping*, auxiliando o adolescente a escolher a estratégia mais adequada a cada situação. Uma das limitações deste estudo não verificar a quem os adolescentes recorriam com maior frequência, se pares ou adultos. Os pares podem auxiliar o jovem em suas dificuldades que, muitas vezes, se assemelham a questões com as quais eles mesmos estão lidando. Porém nem sempre esta ajuda é benéfica, visto que estes também estão desenvolvendo suas habilidades para lidar com desafios. Os adultos podem oferecer ajuda, mas também pode ser um desafio para eles adequarem seu suporte às necessidades específicas da adolescência.

A estratégia “fuga-esquiva” foi a menos utilizada segundo a amostra. Isto pode ser percebido como um indicativo de adaptação, visto que estratégias evitativas têm sido relacionadas a um maior nível de problemas emocionais e comportamentais. Contudo, a mesma estratégia foi a mais utilizada em eventos envolvendo adultos, e as situações mais relatadas por foram os conflitos com pais. Estes resultados parecem apontar para uma dificuldade de

negociação com adultos, não restando outra opção aos jovens senão evitar, cognitiva ou comportamentalmente, a situação estressante.

Um levantamento de publicações brasileiras pode revelar que ainda são escassos os estudos sobre o processo de *coping* durante a adolescência. Considerando que estudos interculturais têm encontrado tanto variações quanto similaridades no *coping* de adolescentes, parecem ser necessários novos estudos que investiguem o *coping*, assim como os estressores com os quais os adolescentes brasileiros são confrontados.

Na literatura sobre o *coping* é possível identificar que, em geral, estratégias aproximativas são relacionadas a melhores níveis de saúde. Porém as evidências atuais não sustentam que determinadas estratégias são invariavelmente mais adaptativas do que outras. O que parece ser mais adaptativo é que o indivíduo tenha um amplo repertório de estratégias e capacidade avaliativa para utilizar a mais adequada ao contexto específico da situação atual.

Estudos correlacionais que buscam avaliar o impacto das estratégias de *coping* em variáveis como bem-estar subjetivo, por exemplo, têm sido bastante comuns. Mais recentemente, pesquisadores têm se voltado à investigação do desenvolvimento normal do *coping*. Apesar de este não ter sido o objetivo desta investigação, os dados aqui apresentados podem ser importantes para pesquisas que investiguem o *coping* em faixas etárias específicas, por tratar-se de uma amostra composta quase exclusivamente por adolescentes com 15 anos de idade.

Os dados obtidos nesta pesquisa também podem colaborar com programas preventivos que visem ao auxílio de jovens em sua lida com dificuldades. Em um momento em que a necessidade de autonomia se faz presente, é importante proporcionar ao adolescente a possibilidade de refletir sobre suas estratégias e desenvolver a capacidade de adequar sua resposta ao contexto específico da situação, pois trabalhar o *coping* em adolescentes significa reduzir seu risco aos estressores potenciais deste período e torná-los mais aptos a enfrentar desafios.

Referências

- ALDWIN, C. M. **Stress, coping and development: An integrative perspective**. 2. ed. New York: The Guilford Press, 2007.
- ANTONIAZZI, A. S.; SOUZA, L. K.; HUTZ, C. S. *Coping* em situações específicas, bem-estar subjetivo e auto-estima em adolescentes. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 2, n. 1, p. 34-42, 2009.
- ARTECHE, A. X.; BANDEIRA, D. R. Adolescentes trabalhadores: estratégias de *coping* e concepções acerca de sua situação laboral. **Interação em Psicologia**, v. 10, n. 1, p. 31-42, 2006.
- ARTECHE, A. X.; BANDEIRA, D. R.; GOZALVO, I. S. Projetos sociais profissionalizantes: repercussões nas estratégias de *coping* e no bem-estar subjetivo de participantes adolescentes. **Revista de Psicologia da Universidade do Contestado**, v. 1, n. 1, p. 5-14, 2003.
- CÂMARA, S. G.; CARLOTTO, M. S. *Coping* e gênero em adolescentes. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 1, p. 87-93, 2007.
- CIAIRANO, S. *et al.* The relationships between perceived stress for the future and coping strategies in times of social uncertainty: A study of Italian adolescents. **African Journal of Psychology and Counseling**, v. 1, n. 1, p. 5-18, 2009.
- COMPAS, B. E. *et al.* Coping with stress during childhood and adolescence: Problems, progress, and potential in theory and research. **Psychological Bulletin**, v. 127, n. 1, p. 87-127. 2001.
- DELL'AGLIO, D. D. O processo de *coping* em crianças e adolescentes: adaptação e desenvolvimento. **Temas em Psicologia**, v. 11, p. 1, p. 38-45, 2003.
- DELL'AGLIO, D. D.; HUTZ, C. S. Estratégias de *coping* de crianças e adolescentes em eventos estressantes com pares e com adultos. **Psicologia USP**, v. 13, n. 2, p. 203-225, 2002.
- ESCHENBECK, H.; KOHLMANN, C.; LOHAUS, A. Gender differences in coping strategies in children and adolescents. **Journal of Individual Differences**, v. 28, n. 1, p. 18-26, 2007.
- GELHAAR, T. *et al.* Adolescent coping with everyday stressors: A seven-nation study of youth from Central, Eastern, Southern, and Northern Europe. **European Journal of Developmental Psychology**, v. 4, n. 2, p. 129-156, 2007.
- KRISTENSEN, C. H.; SCHAEFER, L. S.; BUSNELLO, F. B. Estratégias de *coping* e sintomas de stress na adolescência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 21-30, 2010.

- LAZARUS, R. S. Coping theory and research: Past, present, and future. **Psychosomatic Medicine**, v. 55, n. 3, p. 234-247, 1993.
- LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping**. New York: Springer, 1984.
- LI, C. E.; DIGIUSEPPE, R.; FROH, J. The roles of sex, gender, and coping in adolescent depression. **Adolescence**, v. 41, n. 163, p. 409-415, 2006.
- MARK, G. M.; SMITH, A. P. Stress models: A review and suggested new direction. In: HOUDMONT, J.; LEKA, S. (Orgs.). **Occupational health psychology: European perspectives on research, education & practice**. Nottingham: Nottingham University, 2008. p. 111-144.
- PIKO, B. Gender differences and similarities in adolescents' ways of coping. **The Psychological Record**, v. 51, n. 2, p. 223-235, 2001.
- POLETTO, M.; KOLLER, S. H.; DELL'AGLIO, D. D. Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 455-466, 2009.
- SAVÓIA, M. G. Escalas de eventos vitais e de estratégias de enfrentamento (*coping*). **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 26, n. 2, 1999. Disponível em: <<http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/index.html>>. Acesso em: 15 ago. 2010.
- SAVOIA, M. G.; SANTANA, P.; MEJIAS, N. P. Adaptação do inventário de estratégias de *coping* de Folkman e Lazarus para o português. **Revista de Psicologia USP**, v. 7, n. 1, p. 183-201, 1996.
- SAWANG, S. et al. Confirmatory factor analysis of the way of coping checklist-revised (WCCL-R) in the Asian context. **Applied Psychology**, v. 59, n. 2, p. 202-219, 2010.
- SERAFINI, A. J.; BANDEIRA, D. R. A influência da rede de relações, do *coping* e do neuroticismo na satisfação de vida de jovens estudantes. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 15-25, 2011.
- SKINNER, E. A. et al. Searching for the structure of coping: a review and critique of category systems for classifying ways of coping. **Psychological Bulletin**, v. 129, n. 2, p. 216-269, 2003.
- SKINNER, E. A. Coping assessment. In: AYERS, S. et al. (Orgs.). **Cambridge handbook of psychology, health and medicine**. Cambridge: Cambridge University, 2007. p. 245-250.

SKINNER, E. A.; ZIMMER-GEMBECK, M. J. Perceived control and the development of coping. In: FOLKMAN, S. (Org.). **The Oxford handbook of stress, health, and coping**. New York: Oxford University, 2011. p. 35-59.

ZIMMER-GEMBECK, M. J.; SKINNER, E. A. Adolescents' coping with stress: development and diversity. **Prevention Researcher**, v. 15, n. 4, p. 3-7, 2008.

ZIMMER-GEMBECK, M. J.; SKINNER, E. A. Coping: developmental influences. In: REIS, H. T.; SPRECHER, S. K. (Orgs.). **Encyclopedia of human relationships**. Newbury Park: Sage, 2009. p. 332-335.

Endereço para Correspondência:

Fernando Leventi

Av. Professor Nilton Lins, Parque das Laranjeiras, 69058-040 - Manaus, AM – Brasil

email: fernandoleventi@gmail.com

Recebido em 15/07/2013

Aceito em 12/11/2013